

## CLÍNICA PSICANALÍTICA, CIÊNCIA E PESQUISA \* \*\*

Marcus André Vieira

### Referência:

VIEIRA, M. A. . Clínica psicanalítica, ciência e pesquisa. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, v. 74, p. 42-46, 2001.

[Capa e índice](#)



### Resumo

Após uma discussão sobre o status científico da psicanálise, o autor, com base nos trabalhos de Jacques Lacan, examina o valor da abordagem estrutural como método de construção e elaboração de casos. Defende a idéia de que este método engendra, a partir do relato da história de um tratamento, a constituição de uma teoria cientificamente consistente. O modo de validação desta teoria, fundado por Freud no conceito de «construção», assim como suas implicações para a pesquisa em psicanálise são discutidos e ilustrados por um fragmento de caso clínico.

**Palavras-chave:** psicanálise, pesquisa, ciência, topologia

Se seu interesse persistiu após a leitura do *abstract* (em que a psicanálise coloca-se claramente fora do âmbito da ciência convencional, mas nem por isso abdica de uma proposta terapêutica consistente e de critérios de validação rigorosos), isto indica que você admite a hipótese de incluir, naquilo que considera ciência, algumas práticas intelectuais bem distantes dos acontecimentos de um laboratório e de seus protocolos experimentais solidamente definidos. Presumo então que não lhe causa horror nem espanto a idéia de que a ciência não existe, pois uma definição consensual do vastíssimo campo de pesquisas desenvolvidas sob a rubrica «ciência» é apenas um ideal e não uma possibilidade concreta. Assumirei assim que não é preciso atravessar uma grande massa de citações para que estejamos convencidos que é mais interessante e fértil pensar a ciência como uma prática de contornos fluidos e de delimitação conceitual imprecisa. Advirto-o de que apenas desta forma lhe será possível prosseguir sua leitura. Do contrário, é melhor passar imediatamente para o próximo artigo.

É preciso que este ponto de vista esteja claramente definido, uma vez que é justamente da legitimação de um espaço científico flexível, em oposição ao campo das ciências *hard*, que depende o estatuto científico da psicanálise. Ela não está sozinha, pois neste espaço insere-se quase tudo aquilo que hoje chamamos ciências humanas. A conhecida oposição entre as ciências exatas e humanas, revela-se, porém, muito insatisfatória. Ela postula, por um lado, uma área pretensamente delimitada de maneira estrita pelas verdadeiras ciências, as exatas, e, por outro, uma constelação de procedimentos espelhados nestas ciências, que apenas

---

\* Este artigo não poderia ter sido redigido sem o rico trabalho desenvolvido em nossa linha de pesquisa «Pesquisa clínica em psicanálise» coordenada por mim e pela Prof. Ana Cristina Figueiredo no Instituto de Psiquiatria (IPUB/UFRJ), desde 1998. (publicado em *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, Ano 96, n. 76, jan-fev-mar 2001 (ISSN 1518-3327) pp. 42-46.

\*\* M.D., Doutor em Psicanálise (Paris VIII), Prof. visitante do programa de pós-graduação em Psiquiatria e Saúde Mental do IPUB/UFRJ.

perseguem o ideal de ingressarem no seletivo grupo inicial sem jamais alcançá-lo. A clivagem introduzida por esta oposição apenas acentua o abismo entre os dois pólos sem aproximá-los. Uma vez que deixamos de considerar que existe a *verdadeira* ciência, temos que conceber outros parâmetros de orientação. Neste sentido, uma boa maneira de se organizar o campo científico é postular uma distinção essencial entre a *Ciência ideal* e o *Ideal da ciência*.<sup>1</sup> O ideal da ciência é este que descartamos já no primeiro parágrafo, o da Verdadeira Ciência, tida como prática de delimitação precisa, fundada na comprovação ou refutação de teorias por meio de verificação empírica absolutamente imparcial. A ciência ideal, por outro lado, é aquela que melhor se presta a fundamentar o ideal da ciência. Ela não é um ponto fixo no horizonte, mas varia seguindo circunstâncias culturais e históricas. A física, por exemplo, que tinha sido o paradigma da Ciência ideal durante dois séculos, acaba de ser destronada pela biologia e pela genética.

Freud aderiu ao Ideal da ciência assim como à Ciência ideal de seu tempo e sempre exigiu para a psicanálise o status de *Naturwissenschaft*, equivalente ao das ciências *hard*. A contribuição maior de Lacan no que diz respeito a essa questão, talvez tenha sido a de demonstrar que, apesar do desejo de Freud, a psicanálise não precisa necessariamente alinhar-se ao ideal da ciência para operar. Por outro lado, ele tornou claro que o tratamento psicanalítico precisa constituir determinados critérios, eventualmente referidos a uma ciência ideal, para delimitar seu modo de funcionamento próprio. A lingüística, pelo menos durante um certo tempo, ocupou este lugar para Lacan. A partir dela ele pôde desenvolver critérios rigorosos que demonstram a ação da psicanálise assim como formalizar o desenrolar da experiência analítica (critérios estes que dificilmente podem ser considerados arbitrários ou inconsistentes). Ele, contudo, jamais acreditou que a psicanálise deveria ter em seu horizonte a ciência ideal como ideal de sua prática. Evidenciou ainda, que a psicanálise, quer partilhe do ideal da ciência quer não, é capaz de funcionar com a mesma eficácia. Basta para isso que o psicanalista, assim como Freud, seja capaz de incorporar, em suas formulações teóricas, os paradoxos impostos pela experiência analítica. Freud teve o gênio de fazer desta fragilidade o próprio fundamento da psicanálise, explicitando, em mais de uma ocasião, que era preciso abrir mão de construir um edifício e voltar sua atenção para a constituição dos andaimes. Lacan buscou então, em vez de fazer da obra de Freud um monumento, dissecar a constituição destes andaimes.<sup>2</sup>

Dedicou-se assim à tarefa de isolar com precisão os pontos invariantes da experiência analítica, e delimitar a maneira como eles estavam articulados. Assim surgiram certas fórmulas, para as quais cunhou o termo *matemas*, que são uma tentativa, em alguns pontos análoga ao procedimento de Lévi-Strauss, de discernir, em meio às histórias e mitos de uma existência, os pontos de repetição e de impossibilidade, assim como o modo de concatenação de seus elementos mínimos. Em outras palavras, ele buscou extrair do mito sua estrutura. O mito é rico, polimorfo, atrai o olhar e a paixão. A estrutura é seca, incompreensível por si só, pois não existe sem um mínimo de mito. Com auxílio de determinadas unidades mínimas de sentido, letras por exemplo, podemos, porém, transmitir suas articulações fundamentais.

### **Totem e tabu**

O método freudiano, se tomado apenas por este prisma, se aproxima muito do método estrutural sem, contudo, reduzir-se a ele. Tomemos como exemplo o texto "Totem e Tabu",

severamente criticado por não apresentar condições mínimas de veracidade científica.<sup>3</sup> Neste texto, Freud pôs em cena uma tribo primordial e postulou que, neste contexto, um macho dominante submetia todos seus filhos e usufruía das fêmeas com exclusividade. Freud supõe então que, em um dado momento, em vez de um dos filhos vencer o pai em um confronto individual e assumir seu lugar seguindo a lei da natureza, os irmãos decidem associar-se para matá-lo. Surge assim a primeira forma de contrato, assinalando o nascimento da primeira comunidade humana.

A antropologia da época, ainda vacilante, era incapaz de refutar as afirmações de Freud, mas o tempo se encarregou de mostrar que todos ou quase todos seus pressupostos foram postos em cheque pelas descobertas da ciência. Do ponto de vista da ciência ideal, não há como não considerar o texto de Freud como um conto de fadas científico.<sup>4</sup> Entretanto, ganharemos muito se considerarmos que Freud não estava buscando revolucionar a antropologia e sim, diante de uma novidade clínica que se apresentava em sua experiência cotidiana, buscava delimitar e transmitir uma configuração específica. Concentrou-se em transmitir uma certa *forma* mais do que delinear os conteúdos a partir dos quais esta forma se apresentava, uma vez que estes são tão variados quanto o eram seus pacientes. Com efeito, em vez de contar como cada um de seus pacientes deparava-se, de uma maneira particular, com a figura do pai, Freud recorre à primeira mitologia fantástica de aparência universal em que pôde lançar mão, a da ciência antropológica de sua época, para transmitir o que observava.

Podemos retomar este texto, a partir de Lacan, demonstrando, por exemplo, que esta epopéia freudiana veicula, dentre muitas coisas, um impasse lógico: uma vez o pai morto ninguém mais pode ser Pai.<sup>5</sup> Se a premissa de base rezava que «para se tornar Pai é preciso derrotá-lo em um combate singular» e se o pai está morto, como tornar-se Pai?

Evidentemente, um dos filhos pode desfazer a aliança com os outros, por ser mais forte ou mais vil, tornando-se eventualmente um tirano, mas ele sempre estará em outra posição que não a do Pai primevo. Num outro extremo, um dos filhos pode ainda tornar-se um líder espiritual, amado por todos, mas igualmente carregará sempre consigo a sensação de impostura e de culpa fundamental que é inextinguível. O último passo desta rápida demonstração é a delimitação de uma fórmula que enxugue ao máximo o mito. Podemos então definir que P ocupará o lugar do pai, que f será o filho, M a mãe e m as mulheres teremos então:

$$\frac{P}{f} \quad \uparrow \quad \hat{m}(M) \quad \text{ou} \quad \frac{f}{P} \quad m(M)$$

As setas marcam que uma vez o pai morto é impossível o acesso pleno ao outro sexo, que a Mãe será proibida para sempre e que um filho apenas se tornará homem, a partir de uma identificação com o Pai defunto, o que, de certa forma, também mortifica o filho pois ele nunca será como o Pai teria sido. Como consequência desta mortificação, ele só poderá usufruir de uma mulher envolvido em uma espécie de tonalidade transgressiva, atribuída ao ato sexual, pois associado à posse da Mãe. Desta forma, o sexo e o amor não serão nunca plenos, mas sempre marcados por uma perda e culpa fundamentais.<sup>6</sup> Não se trata de afirmar que, devido a um acidente histórico da evolução da espécie, todo homem é culpado, mas sim que todo homem é culpado e esta é a maneira que Freud encontrou para transmitir a articulação lógica desta condição humana.

Compreende-se então que a psicanálise seja uma ciência no sentido em que é capaz de tecer considerações universais a partir do particular de seu material clínico nos termos de uma formulação rigorosa e precisa que segue os cânones do ideal da ciência. Esta formulação, inclusive, pode ser escrita nos termos da linguagem lógica e eventualmente matemática (que encontra-se apenas em estado virtual em Freud, mas nem por isso menos presente).

### **O psicanalista irrefutável**

Resta-nos, entretanto, responder ao seguinte argumento: «muito bem, a psicanálise é séria e matemática, mas falta-lhe algo para ser uma ciência, a refutação de suas hipóteses pelos dados empíricos». Com efeito, quem garante que aquilo que Freud articulou de suas clínicas em textos como Totem e Tabu realmente corresponda a um dado da experiência, que mereça ser universalizado? Quem garante que não se trata apenas de um conto de fadas freudiano? Que um outro psicanalista ou terapeuta poderia chegar a conclusões opostas a partir dos mesmos dados? Este foi o argumento de Wittgenstein, posteriormente retomado por Popper de forma desenvolvida. Ambos consideravam que a psicanálise era irrefutável e por isso mesmo uma não-ciência. As formulações do analista seriam tidas como válidas independentemente de sua comprovação. A aceitação por parte do paciente assinalaria sua validação. Por outro lado, sua recusada seria apenas sinal de resistência e elas seriam, assim, igualmente validadas: «cara eu ganho, coroa você perde». <sup>7</sup> A este argumento Freud responde que existe um critério de validação, que não é o mesmo da ciência ideal. <sup>8</sup>

Vejamos como.

Com certeza não podemos abrir mão de um retorno aos dados empíricos que possam eventualmente falsificar, invalidar, ao menos algumas de nossas formulações. Mesmo deixando de lado as condições experimentais do laboratório como ambiente exclusivo desta verificação, é necessário que disponhamos de algum protocolo de teste e de refutação, senão corremos o risco de cair na cilada de Levi-Strauss e de alguns estruturalistas, que são capazes de delimitar a estrutura de um texto, de efetivar uma interpretação, sem que ela possa, porém, retornar sobre o dado e alterar a configuração inicial. Pode-se partir de uma massa de fenômenos, sem ter como acompanhar, prever ou delimitar o efeito que esta operação hermenêutica poderá vir a ter sobre a realidade inicial.

No extremo oposto, a psiquiatria atual, em vez de eliminar o espaço de testagem, esforça-se para estender ao mundo as condições ideais de um laboratório, tentando fazer do universo polimorfo de um hospital um ambiente de acontecimentos *in vitro*. Os estudos do tipo duplo-cego, com grupos de controle etc., nada mais são que imensos esforços neste sentido, com grandes perdas no que concerne a riqueza da experiência subjetiva humana, mas com ganhos indubitáveis no sentido da validação científica. Pode-se lamentar o quanto a psiquiatria perdeu em termos de experiência clínica com seu progressivo atrelamento à sua Ciência ideal, a Neurologia, mas é certo que em termos de confiabilidade e aceitação pela comunidade científica ela ganhou muito.

Neste contexto a psicanálise, ou ao menos uma boa parte dela, resiste. Não porque ela não tenha outro poder de cura a não ser o poder xamanístico da sugestão e do placebo. Não porque seus barões resistam a perder o poder ao ser revelada sua farsa, como se insinua aqui e ali. Mas sim porque ela se funda e se concebe como um tratamento, científico, para aquilo que a Ciência, com maiúscula, não pode tratar. A psicanálise nasce no momento em que Freud decide dar um lugar, no campo da ciência, àquilo que era relegado aos xamãs e

curandeiros, às coisas sem sentido que diziam as histéricas. Desta forma, retirar de sua consideração o sentido singular das falas dos pacientes, fazendo-as passar por uma escala, um questionário, uma padronização que dê a cada dito um sentido pré-fixado, significa, para a psicanálise, um suicídio consentido. É o que ocorre quando ela tenta registrar do modo mais fidedigno possível suas sessões, buscar métodos de aferimento do grau de positividade da transferência, da exatidão da interpretação etc.

### **Construções e superfícies topológicas**

Continuamos, porém, com a mesma questão, apenas mais complexa. O material clínico não é padronizável e nossas formulações não poderão ser refutadas pela evidência clínica (como vimos, não há evidência clínica a não ser aquela estabelecida a partir de protocolos laboratoriais em contradição com a essência da psicanálise). Como então refutar nossas formulações? A resposta de Freud é: utilizando-se uma construção.

Esta construção deve conjugar não somente uma interpretação dos dados da experiência, mas algo mais. Algo que permita incluir na elaboração do caso uma espécie de ponto fixo, que está no campo do vivido subjetivo do paciente e que, uma vez incorporado em nossa teorização, permite que esta seja apropriada por ele com uma inabalável certeza. A esta operação Freud denomina "construção" e a seu efeito validante, "convicção". É neste momento que vemos Lacan passar da matematização da estrutura para seu delineamento como superfície, construída em torno do ponto cego que a funda. Um sujeito vem ao psicanalista por encontrar-se diante de um impasse, que gera um sofrimento indizível pois absolutamente singular. O analista pode utilizar-se em sua construção do caso, de um matema, uma formalização do impasse. Contudo, ele pode ainda lançar mão do desenho de um espaço, de uma superfície que põe em cena, não somente os contornos deste sofrimento indizível, mas também o próprio indizível como vazio interior.

Neste momento entra em cena a topologia. É a maneira encontrada por Lacan para desenhar o espaço freudiano a partir de suas coordenadas paradoxais. Indica que existe algo na experiência analítica que não se passa no nível do senso comum. Desde o célebre esquema do ovo, das relações entre o isso, o eu e o supereu, Freud já indicava que algo paradoxal se passa em uma análise levando o psicanalista a recorrer a figuras e esquemas não menos paradoxais para compreender e transmitir o que se passa.<sup>9</sup> Utilizando-se destas ferramentas o psicanalista mais facilmente consegue localizar esta verdade estranha do analisante em sua construção que, assumida pelo paciente, é validada. Não se trata de interpretações elucidativas do tipo «você é isso», que deveriam ser aceitas pelo paciente (apenas este tipo de interpretação seria vítima das críticas de Popper). Trata-se da elaboração de um espaço de articulação entre os pontos-chave de uma existência que permita ao paciente uma nova relação entre os elementos de sua história. Modifica-se, assim, concretamente a vida do paciente, ponto final do processo de validação da técnica.

### **Um fragmento clínico**

Para ilustrar esta nossa perspectiva, vamos examinar um fragmento de caso clínico.<sup>10</sup> João é um homem triste. Tem quarenta anos, casou-se duas vezes sendo que em ambas voltou para a casa da mãe, com quem vive até hoje. Em análise, discorre sobre vários sentimentos que, examinados ao microscópio no decurso de tratamentos anteriores, já lhe esclareceram muitos detalhes de seu sofrimento. Sente-se preso à mãe e, de um modo geral, às mulheres.

Por isso, nas vezes em que deixou a casa da mãe, só o fez por conta dos desejos de suas mulheres. Diz que sempre lutou para construir um caminho seu, mas que, ao mesmo tempo, sempre se viu «preso». Chora muito porque se considera um covarde, incapaz de viver por si mesmo. Desconfia de tudo e de todos e nunca ousa.

Segundo sua análise dos fatos, ele já sabe qual seu problema. Faltou-lhe um pai ue lhe transmitisse os «instrumentos necessários para ir à luta». Como vemos a questão não é tanto descobrir o que João perdeu, ou o que deveria ter tido e não teve para fornecer-lhe a interpretação correta. É preciso reconstruir o modo como a prisão se fez.

Depois de muitas variações sobre este tema, em um dado momento, produz um sonho que mudará este estado de coisas. No sonho João era um vira-lata. Preso em uma casa, junto com outros cães, esperava uma menina que viria libertá-los. Ele via claramente as grades do muro que o impediam de fugir, mas via também a rua lá fora.

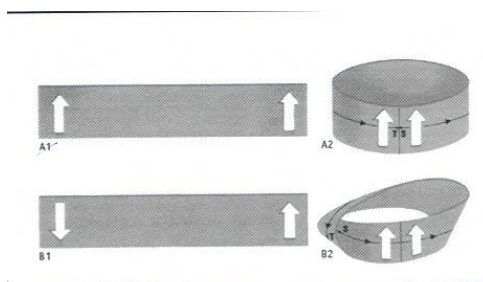
Este sonho poderia ser lido exatamente no mesmo sentido das formulações anteriores de João. O vira-lata, preso, o descrevia perfeitamente, segundo ele. Ele se recorda, inclusive, que sua irmã cria quatro cães, todos castrados. A geografia do espaço em que se desenrola o sonho poderia ser entendida da mesma forma. João está encarcerado e avista, para além das grades a liberdade, tão infinita quanto fora de alcance.

Entretanto, este espaço encerra muito mais do que aquilo que João havia delineado até então. A partir das associações, descobrimos que a tal casa situa-se em uma rua, imagem da liberdade, em que João brincava quando criança, onde tudo de bom lhe aconteceu. A geografia desta rua é muito especial. Trata-se de um espaço tanto aberto quanto fechado pois, de um lado dava num beco e, de outro, numa avenida de tráfego intenso.

Curiosamente, é este espaço relativamente fechado que funcionou como o exterior infinito com relação ao quarto e sala onde morava a família de João.

Os espaços que para João apareciam até aí como abertos ou fechados, a partir da entrada em cena do vira-lata, exibem uma característica paradoxal de fechamento e abertura. João recorda como os vira-latas «passavam por entre as grades» e como uma das casas da rua, justamente aquela do muro com grades, era uma casa na qual João sempre quis morar. João recorda também como seu pai, homem muito violento, «entrava e saía» do quarto e sala e o quanto tinha sido impossível para ele identificar-se com este pai «vira-lata».

A banda de Moebius é a figura topológica escolhida por Lacan para indicar esta transitividade da geometria do espaço atravessado pelo inconsciente. Fita original, ela tem a propriedade de estabelecer uma relação peculiar entre exterior e interior que considerados a partir de pontos localizados estão em oposição absoluta, mas que, graças a uma torção especial da fita, estão estruturalmente em continuidade. A oposição deixa de ser absoluta pois não pode se manter em todos os pontos, já que em algum momento uma formiguinha deslocando-se ao longo da fita passa do espaço interno ao interno sem ter sido preciso ultrapassar ou saltar nenhuma barreira. Assim como a rua de João, a banda de Moebius tanto define um dentro e um fora como, em ao menos um ponto indica uma inversão\reversão em que dentro e fora estão do mesmo lado.<sup>11</sup>



A história de João ilustra o funcionamento paradoxal do espaço psíquico. De um lado as grades o protegiam do desconhecido da rua impedindo-o de circular nela. De outro lado, ao perceber que como vira-lata podia passar entre as grades, aquilo que antes era um impedimento, represa, continuou como limite, mas tornou-se condição de possibilidade de novos passeios de João.

Podemos esquematizar os enunciados que assinalam o caminho de João, da depressão à tristeza. «Perdi minha alegria», «estou em baixa», «nunca tive liberdade» «me faltam elementos para lutar», «sou castrado pelas mulheres», «estou preso», e finalmente a partir de «sou um vira-lata», encadeiam-se «tenho algo de meu pai», «a prisão é relativa» e «estou dentro de alguns lugares e fora de outros». É assim que João pode, então, desvencilhando-se dos grilhões imaginários da tristeza euclidiana, entrar em análise. Nada garante que este caminho esteja livre da tristeza. Entretanto, uma vez experimentada a propriedade do significante de instaurá-la em um espaço moebiano, ela se torna leve como o vento.

### Conclusão

Para concluir, temos que admitir que o psicanalista encontra-se nesta situação incômoda, à mercê de condições de validação relativamente frágeis. Neste contexto, ele precisa publicar seus casos, assim como fez Freud, de maneira clara e rigorosa, numa tentativa de demonstrar a realidade e a eficácia de sua clínica, além de dotá-la de um certa universalidade. Por outro lado, ele precisa também, explorar e aprender a servir-se dos instrumentos criados por Freud e Lacan, eventualmente delimitando outros.

Com o fragmento de caso que examinamos, pudemos constatar a imbricação essencial entre o material clínico e os conceitos da psicanálise assinalada por Freud desde 1915 quando postulou uma relação entre estes dois pólos fundamentais da experiência em que não havia precedência nem do material sobre a teoria nem desta sobre os dados.

*O verdadeiro início da atividade científica consiste sobretudo na descrição dos fenômenos [Erscheinungen] que são em seguida reunidos, ordenados e inseridos em relações [Zusammenhänge]. Desde o momento da descrição, não podemos evitar aplicar ao material certas idéias abstratas [abstrakten Ideen] que tomamos aqui ou lá e certamente não unicamente da experiência atual [Ehrfahrung].<sup>12</sup>*

Com efeito, é impossível dizer que a Banda de Moebius já estava lá no sonho de João, apenas em estado latente. Contudo, mesmo no caso de sonhos menos "espaciais" como este, é possível, por meio do recurso a estas classe de figuras, este tipo de "idéia abstrata" nos termos de Freud, desfazer o nó do sintoma ao conceber uma nova modalidade de inserção do ponto cego, de uma dor indizível, na trama do discurso.

A pesquisa na psicanálise só poderá progredir assim de modo dual, demonstrando os efeitos do feliz encontro entre um arcabouço clínico conceitual específico e o material da experiência (proveniente do funcionamento de um dispositivo não menos específico). Ela deve passar pela delimitação destas ferramentas do pensamento clínico: modelos, estruturas, esquemas, superfícies topológicas que é impensável sem que se percorra o desenrolar de casos precisos, estofos dos modelos delimitados.<sup>13</sup> Só assim a pesquisa poderá permitir ao psicanalista constituir proposições cientificamente defensáveis sobre esta arte de deslocar-se dentro do espaço *sui generis* instaurado pela interlocução entre alguém que fala "tudo o que quiser" a um outro alguém que apenas escuta e pontua.

<sup>1</sup> Cf. MILNER, J. C. *L'oeuvre claire*, Paris, Seuil, 1997, pp. 35 e seguintes.

---

<sup>2</sup> Cf. FREUD, S. «Pulsões e destinos das pulsões», *Edição Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1974, vol. XIV, p. 137.

<sup>3</sup> FREUD, S. «Totem e Tabu», *Op. cit.*, vol. XIII, p. 20 e seguintes. Sobre as críticas à a-cientificidade do método freudiano cf. p. ex. EYSENCK, H. *Decline and fall of the freudian empire*, Londres, Penguin, 1985, p. 45 e seguintes.

<sup>4</sup> Como referiu-se Kraft-Ebing, certa vez, após uma exposição de casos de Freud (Cf. FREUD, S. «A história do movimento psicanalítico», *Op. Cit.* vol. XIV, p. 31/2).

<sup>5</sup> Lacan utiliza-se deste tipo de procedimento praticamente ao longo de todo seu ensino. Cf. por exemplo LACAN, J. Escritos, Rio de Janeiro, JZE, 1998, pp. 518/9 e 58, 554, 680, 819. Quanto a este texto de Freud em particular cf. LACAN, J. *O Seminário livro XVII*, Rio de Janeiro, JZE, 1992, pp. 95 e seguintes.

<sup>6</sup> Basta que substituamos **P** por Deus, **f** por Homem, **M** por pecado original e teremos, com a mesma fórmula, a matematização da posição do homem na religião segundo Freud.

<sup>7</sup> Cf. WITTGENSTEIN, L. *Leçons et conversations*, Paris, Seuil, POPPER

<sup>8</sup> FREUD, S. «Construções em análise», *Op. Cit.* vol. XXIII, p. 291.

<sup>9</sup> FREUD, S. «O eu e o isso», *Op. Cit.* vol. XIX, p. 38.

<sup>10</sup> Trata-se de um fragmento já examinado sob um outro prisma em VIEIRA, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, pp. 193-197.


<sup>11</sup> Apenas a título de informação suplementar, vale assinalar que além dos esquemas freudianos, Lacan utiliza-se de um grande número de fórmulas assim como de cinco superfícies topológicas e de inúmeros nós para transmitir a configuração sui generis do espaço subjetivo (cf. GRANONT-LAFONT, J. *La topologie ordinaire de Jacques Lacan*, Paris, Point hors ligne, 1985).

<sup>12</sup> FREUD, S. «Pulsões e destinos das pulsões», *Edição Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1974, vol. XIV, p. 137 (grifos meus). Cf. Quanto a este ponto VIEIRA, M. A. *L'éthique de la passion*, Paris, PUR, 1998, pp. 10-12.

<sup>13</sup> Um dos aspectos da pesquisa que desenvolvemos no IPUB é a ênfase tanto em uma vertente quanto em outra, buscando explorar as superfícies topológicas associadas por Lacan a diversos acontecimentos clínicos, assim como avaliar o impacto destas noções em relatos de tratamentos em curso.



:: Ano 96 :: Número 76 :: Jan - Fev - Mar de 2001 :: ISSN 1518-3327 ::




# Arquivos Brasileiros

de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal

Fundada por Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, em 1905

Publicação Oficial da Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)



**:: Distribuição dos transtornos mentais em uma população de rua acolhida num albergue público da cidade do Rio de Janeiro**  
*Leoni GM, Pinto ATM, Cavalcanti MT*

**:: A terapia de reposição hormonal (TRHM) e o sistema nervoso central: ação sobre o humor e a cognição**  
*Appolinário JC, Bueno JR, Meirelles R*


**:: Manifestações de desorganização da fala ou transtornos na forma do pensamento? Uma abordagem linguística**  
*Pinto DS e Ribeiro BMT*

**:: Althuser, um caso para pensar a psicanálise**  
*Passos MD*

**:: A relevância da psicanálise na melancolia**  
*Hercowitz JS*

**:: Clínica psicanalítica, ciência e pesquisa**  
*Fleury MA*

**:: A violência contra a criança: relato de uma experiência de atendimento em um ambulatório universitário público**  
*Ribeiro LMA*



**Saúde Mental**  
Cuidar sim, excluir não.  
Organização Panamericana de Saúde

7 de abril de 2001  
Dia Mundial da Saúde

## EDITORIAL

*Vitrô Comunicação*

Estamos de volta com outro número de nossa Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, 96 anos de história. Este ano a revista entrou no processo de avaliação para duas indexações: Lilacs/Bireme e SciELO.

A base de dados LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) tem como objetivo o controle bibliográfico e a disseminação da literatura técnico-científica latino-americana e do Caribe na área da Saúde, ausente das bases de dados internacionais.

A biblioteca virtual SciELO (Scientific Electronic Library Online) é um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME. O projeto FAPESP/BIREME tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico.

A avaliação está em curso e você será sempre informado sobre o andamento do processo. A SciELO estará se reunindo nos próximos meses, enquanto que a Lilacs/Bireme faz um acompanhamento da publicação ao longo do ano.

ISSN 1518-3327

## Vitrô

EX P E D I E N T E

Diretora Executiva:  
*Rianda Arnesen*  
 Editor Responsável:  
*Flávio Nogueira (AMR) 192099*  
 Gerente Comercial:  
*Kanilla Aguiar*  
 Capa:  
*Felipe de Gozick*  
 Diagramador:  
*Marcos Abreu*  
 Revisão:  
*Thais Oliveira*

Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal é uma publicação trimestral oficial da Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).

**Vitrô Comunicação & Editora**  
 Praça XV de Novembro, 1417 andar  
 Centro - 20010-010 - Rio de Janeiro/RJ,  
 PAIS: (21) 224-0962  
 Filial: ao Instituto ETHOS  
 de responsabilidade social

**E-mail:**  
[aperj@vitrô.com.br](mailto:aperj@vitrô.com.br)  
[comercial@vitrô.com.br](mailto:comercial@vitrô.com.br)  
**Site:** [www.vitrô.com.br](http://www.vitrô.com.br)

Nossa capa:



Capa alusiva ao Dia Mundial da Saúde (OPAS/OMS), dedicada à Saúde Mental.

Arq Bras Psiquiatr Neurol Med Legal 2001 jan-mar; 96(1): 5

# Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal

Publicação oficial da Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

**Edição Científica**  
 Fatima Vasconcellos  
**Editores Associados**  
 Jorge Alberto Costa e Silva  
 João Ferreira da Silva Filho  
**Conselho Editorial**  
 Annette Leising  
 Domingos Sérgio Alves  
 Laís Augusto Vilans  
 Marco Antonio Brasil  
 Mauro Mendlowicz  
 Miguel Chahub  
 Miguel Roberto Jorge  
 Paulo Mattos  
 Pedro Gabriel Delgado  
 Romildo Bueno  
 Talvane de Moraes  
 Vera Lenguaer  
**Editores de Área**  
 Álcool: João Carlos Dias  
 Drogas: Analice Gigliotti  
 Estresse: Mario Barreira Campos  
 Intoxicologia: Sandra Fortes  
 Psicologia Médica:  
 José Henrique Figueiredo  
 Psicofarmacologia: Andrea Jaquetta  
 Psiquiatria Forense: Kátia Mecher  
 Publicações Públicas:  
 Madalena Elétrio  
 História: Paulo Sérgio de Alencar

Os conteúdos contidos em  
 artigos assinados são de  
 responsabilidade dos autores.



**APERJ**  
 Associação Psiquiátrica do  
 Estado do Rio de Janeiro  
 Rua da Lapa, 65/601 - 20021-180  
 Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
 Phone / fax: 55-21-507-2157  
 E-mail: [aperj@vitrô.com.br](mailto:aperj@vitrô.com.br)

## ÍNDICE

<b>EDITORIAL</b> .....	61
<b>INSTRUÇÃO AOS AUTORES</b> .....	66
<b>OPINIÃO</b>	
Notas e mensagens sobre o Dia Mundial da Saúde e sobre o Relatório Mundial da Saúde de 2001. ....	67
<i>Benedetto Saccomi</i>	
<b>ARTIGOS</b>	
Distribuição dos transtornos mentais em uma população de rua acolhida num albergue público da cidade do Rio de Janeiro. ....	19
<i>Giovanni Marcos Lovisi, Alessandra Teixeira Marques Pinto, Maria Tavares Cavalcanti</i>	
A terapia de reposição hormonal (TRHM) e o sistema nervoso central: ação sobre o humor e a cognição .....	17
<i>José Carlos Appolinário, João Romildo Bueno, Ricardo Meirelles</i>	
Manifestações de desorganização da fala ou transtornos na forma do pensamento? Uma abordagem linguística. ....	22
<i>Diana de Souza Pinto e Branca Maria Telles Ribeiro</i>	
Althuser, um caso para pensar a psicanálise .....	30
<i>Marvi Dória Passos</i>	
A relevância da psicanálise na melancolia. ....	36
<i>Julio Sérgio Verzman</i>	
Clínica psicanalítica, ciência e pesquisa de uma instituição do Rio de Janeiro .....	42
<i>Marcos André Vieira</i>	
A violência contra a criança: relato de uma experiência de atendimento em um ambulatório universitário público .....	47
<i>Leila Maria Amaral Ribeiro</i>	
<b>RESENHA</b>	
Ética e paixão na psicanálise contemporânea .....	56
<i>Eduardo Hugo Faria Neto</i>	
Saúde do manicômio e voltando para a casa .....	56
<i>Patrícia Schmidt</i>	

Arq Bras Psiquiatr Neurol Med Legal 2001 jan-mar; 96(1): 5